

# Educação e Liberdade: Abordagens de Paulo Freire e *bell hooks* para Educação das Relações Étnico-raciais

Jacilene Aguiar Silva\* & Beatriz Santos Pontes\*\*

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)

\*\* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

## Detalhes Editoriais

*Sistema double-blind review*

### Histórico do Artigo

**Submetido:** 30 de jun. de 2023

**Revisado:** 14 de dez. de 2023

**Aceito:** 15 de dez. de 2023

**Disponível online:** 28 de dez. de 2023

**Artigo ID:** #358

### Editor Gerente:

Prof. Gustavo Henrique Silva de Souza  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

### Editor Adjunto:

Prof. Nilton Cesar Lima  
Universidade Federal de Uberlândia, UFU

### Organizadores - Dossiê Paulo Freire:

Prof. Admilson Eustáquio Prates  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Prof. Leonardo Augusto Couto Finelli  
Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES

Prof. Bergston Luan Santos  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

### Revisão e Diagramação:

Suzane Fátima Ribeiro Santos  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

### Como citar:

SILVA, J. A.; PONTES, B. S. Educação e liberdade: abordagens de Paulo Freire e *bell hooks* para educação das relações étnico-raciais. *Revista Multifaces*, v. 5, n. 2, Dossiê Temático Paulo Freire, p. 95-102, 2023.

### DOI:

<https://doi.org/10.29327/2169333.5.2-14>

### \*Autor de contato:

Jacilene Aguiar Silva  
jacyaguars2@gmail.com

## Resumo

O presente artigo propõe uma discussão acerca da concepção de uma educação para a liberdade a partir das formulações teóricas do educador e patrono da educação brasileira, Paulo Freire, e sua influência na obra da intelectual negra *bell hooks*. Para tanto, buscamos identificar as práticas educativas que consistem na educação para a emancipação dos indivíduos, além de pensar qual é o papel do educador, da comunidade e da sociedade nessa construção. Percorremos a seguinte problemática: como pensar a transformação da escola contemporânea a partir de uma prática educativa transgressora e libertária? Utilizamos a revisão bibliográfica como metodologia, com aporte teórico de Paulo Freire e *bell hooks* para discutir uma educação para as relações étnico-raciais e prática de liberdade e existências no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Práticas Educativas. Emancipação. Educação.

## Education and freedom: approaches from Paulo Freire and Bell Hooks to the education of ethnic-racial relations

## Abstract

This article proposes a discussion about the conception of an education for freedom based on the theoretical formulations of the educator and patron of Brazilian education, Paulo Freire, and his influence on the work of the black intellectual *bell hooks*. Therefore, we seek to identify the educational practices that consist of education for the emancipation of individuals, in addition to thinking about the role of the educator, the community and society in this construction. We covered the following issue: how to think about the transformation of contemporary school from a transgressive and libertarian educational practice? We used the bibliographic review as a methodology, with theoretical support from Paulo Freire and *bell hooks* to discuss an education for ethnic-racial relations and the practice of freedom and existences in the school environment.

**Keywords:** Educational Practices. Emancipation. Education.

## Introdução

Não é possível pensar em Educação sem falar de Paulo Freire, poderíamos limitar-nos a dizer “Educação brasileira”; contudo, suas contribuições ultrapassam as fronteiras nacionais, e mobilizam refletir a educação em contextos transnacionais. Paulo Freire, educador, e patrono da educação no Brasil, foi um dos pensadores brasileiros mais importantes no mundo, com impacto na educação e produção de conhecimento.

Tomamos como reflexão a educação brasileira, os avanços e desafios da sala de aula em seu fazer pedagógico, cuja finalidade é alcançar o desenvolvimento pleno do educando como aponta a lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional (Brasil, 1996). Nas últimas décadas, novos olhares têm sido lançados sobre a educação, visando atender as demandas da pluralidade e diversidade no processo de escolarização. Nesse sentido, o campo educacional tem sido palco de diversas reformas, como a promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que instituíram a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, evidenciando a necessidade de uma educação antirracista nas escolas e uma história do Brasil com seus múltiplos sujeitos.

Nesse sentido, Paulo Freire por meio de suas inúmeras obras, compreendia a educação para além dos currículos, conteúdos, mas, e sobretudo, engajada nos papéis sociais e realidade dos educandos, como aspectos primordiais na emancipação e desenvolvimento da liberdade e criticidade dos indivíduos. Na contemporaneidade, as contribuições da pedagogia freireana em termos teórico-metodológico-epistemológico, tem provocado educadores à realização de práticas educativas que rompem com os modelos tradicionais de ensino, colocando o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, estimulando o diálogo, reflexão e a ação coletiva como ferramentas para a transformação social.

Assim, inspirada por Paulo Freire, que, bell hooks<sup>1</sup>, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, uma educadora e intelectual negra estadunidense, cuja sua formação profissional teve grande influência de Freire. Com diálogos extremamente importantes, a autora incluiu categorias raciais e de gênero para refletir a construção de uma pedagogia engajada comprometida com a educação como prática da liberdade.

Nesse sentido, neste trabalho, mobilizamos o pensamento insurgente de Freire e hooks para refletir sobre a educação contemporânea sob uma

perspectiva crítica e libertária. Considerando a diversidade no ambiente escolar, os desafios educacionais contemporâneos, buscamos problematizar como a educação transgressora de hooks e libertária de Freire contribui na transformação da sociedade e prática da liberdade dos sujeitos?

Pensar em educação a partir de hooks e Freire é dar novo sentido a vida dos educandos, é fazer com que se sintam protagonistas na construção de saberes e ousar lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Ensinar e aprender são processos que não podem dar-se distante da escola, dos educandos e sociedade.

## Pedagogia Freireana no Fazer Educacional Contemporâneo

A pedagogia freireana no fazer educacional contemporâneo apresenta abordagens transformadoras e emancipatórias a partir das contribuições de Freire. Com a reflexão de conceitos e práticas como objetivo formar indivíduos críticos, conscientes e participativos na sociedade. Freire, em sua obra “*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*” (1996), convoca pensar os atravessamentos histórico-políticos da criticidade sociais e suas relações com os sujeitos no contexto escolar, tanto educadores como educandos.

A educação, na visão freireana, não pode ser um ato de dominação, mas sim um processo de emancipação. O professor como parte desse processo, pode criar espaços e práticas educativas que desenvolva a capacidade do indivíduo de ser sujeito ativo no seu próprio processo de aprendizagem, por meio de uma pedagogia que respeite e valorize as experiências e saberes dos alunos.

Uma educação humanizadora, supõe o reconhecimento e valorização das subjetividades dos sujeitos, baseada na “ética universal do ser humano” (Freire, 1996, p. 15); a construção da autonomia se dá a partir do desenvolvimento da consciência crítica dando vazão a o pensamento reflexivo, dialógico e participativo.

A superação do conteudismo nas práticas escolares e a valorização das subjetividades alia-se não somente ao que consta nos aparatos legais, mas a uma educação emancipatória que privilegie “[...] os conhecimentos produzidos por negros, na contextura histórica, devem ser referendados na escola, para que os jovens negros e não negros tenham dimensão da importância de tais saberes e de sua ação educativa” (Araújo, 2015, p. 387).

<sup>1</sup> bell hooks, escritora, professora de linguística e intelectual negra estadunidense. O emprego do nome “bell hooks” em letra minúscula parte de uma postura da própria autora, que criou esse nome como forma de homenagear sua avó. Além disso, a letra minúscula representa seu posicionamento político, que propõe romper com convenções linguísticas e acadêmicas. Para ela, o trabalho em si é mais importante

do que sua pessoa, como ela afirma: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Apesar de a Língua Portuguesa não utilizar letras minúsculas para escrever nomes próprios na norma culta da língua escrita, neste trabalho será respeitado o posicionamento e o desejo de bell hooks.

Dentro do panorama social excludente e racista, a educação deve estar voltada para práticas curriculares antirracistas, em que toda a forma de discriminação seja rechaçada; como bem coloca Freire (2018, p. 35), o ato de ensinar “exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”; assim a educação precisa romper com o silenciamento gerado em torno das relações étnico raciais, denunciando práticas segregacionistas e caminhando rumo a emancipação de seus educandos. Romper com o currículo europeizado, que fomenta o sectarismo e é responsável pela estratificação social, é sinônimo de protagonizar uma educação transformadora que rompe com práticas reprodutivistas que estruturam e servem de pilares de sustentação do racismo dentro e fora da escola, através de códigos de condutas historicamente construídas e sedimentadas.

Há de se considerar que o projeto educacional brasileiro tem negligenciado a necessidade de se pensar políticas públicas voltadas para a educação para as relações étnico racial, que, em grande parte volta-se para os educadores com formação em História, por outro lado, educadores de outras áreas permanecem distanciados nas implicações desta proposta. O racismo e suas problemáticas inviabiliza o desenvolvimento de identidades e impossibilita negros e negras plena emancipação, onde a base curricular embranquecida é recorrente no panorama educacional; a sinergia entre aspectos políticos e sócio educacionais é um instrumento importante de romper com o ‘status quo’ educacional vigente. Para Soares (2020):

*Resgatar esse conhecimento a partir da centralidade africana, ou seja, das histórias vividas pelos seus ancestrais e da sua diáspora, o que propõe a Afrocentricidade, permite que o povo africano seja protagonista na construção de suas narrativas se distanciando cada vez mais do pensamento eurocêntrico. Entretanto, apesar da legislação que fundamenta a obrigatoriedade dessa temática no currículo da educação básica, ainda temos muito caminho a percorrer para que essa proposta seja consolidada, haja vista que educar para relações étnico-raciais perpassa por ressignificar e modificar as conjunturas reproduzidas historicamente entre negros e brancos embasadas por pressupostos raciais (Soares, 2020, p. 42).*

A partir dos escritos freirianos é possível vislumbrar a perspectiva de educação pautada em práticas antirracistas, em que romper com o conteudismo, o eurocentrismo e o elitismo requer uma educação emancipatória, crítica, libertadora, ancorada numa pedagogia dialógica voltada para a valorização das (re) existência de povos historicamente subalternizados pelas relações de poder, onde os muros da invisibilidade sejam rompidos por meio de uma educação que privilegie a diversidade e proporcionando refletir e transformar as ações

educativos nos seus diferentes aspectos socioculturais, político e pedagógicos. Nesse sentido, a perspectiva de Freire (2019) defende:

*Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito (Freire, 2019, p. 36).*

A educação popular é entendida como uma construção coletiva de cidadania crítica, que caminha em direção a uma educação humanizada, com possibilidades de aprendizado e desenvolvimento pleno dos indivíduos. Melo Neto (2010) reflete que a educação popular se refere a uma prática estritamente ligada ao exercício democrático, em que os sujeitos usufruem de seus direitos, com ênfase nos processos de participação em todas as dimensões da vida. Ele afirma ainda que “a educação popular, em sua dimensão política, passa a se orientar por princípios de autonomia e emancipação. Em qualquer ambiente onde ocorra o fenômeno da educação, esses valores precisam estar presentes – os valores dos direitos humanos” (Melo Neto, 2010, p. 437).

Nesse sentido, as provocações para uma educação transgressora a partir de hooks e Freire vislumbram uma educação com o propósito de transformar a realidade, tendo a educação como um movimento de ruptura das bases hegemônicas, eurocêntricas e coloniais, a partir dessa desconstrução criar uma educação anticolonial que valorize antes de tudo os educandos e seus saberes.

Assim, a pedagogia libertadora freireana, ancora-se no pressuposto de que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção a sua construção” (Freire, 2018, p. 47). O estar no mundo envolve diálogo, interação, apropriar-se da sua cultura e história, resgatá-la e valorizá-la a partir do reconhecimento da sua própria identidade, onde através das relações sociais estabelecem-se uma pluralidade com a própria subjetividade. Os indivíduos na sociedade assumem o papel de sujeitos de relações e não apenas de contatos, dado a sua característica eminentemente humanizadora. Na perspectiva freireana é preciso deixar-se humanizar ao invés de coisificar-se, onde o conhecimento histórico cultural e a diversidade devem servir de base de práticas de valorização da diversidade e recusa a qualquer forma de opressão e de estigmatização.

Dentro desse viés, a democratização educacional representa a passagem de uma transitividade ingênua para uma transitividade crítica, onde as mudanças no plano educativo exigem a escuta das classes populares, subalternizadas historicamente pelas relações de

poder. Assim as práticas pedagógicas devem estar atreladas ao desenvolvimento crítico dos educandos e não como uma ‘papagaiada’ de conceitos engessados; assim é necessário que os educadores se comprometam em olhar para fora dos muros da escola e tragam para o ambiente escolar a vida de seus alunos, seus percursos históricos; desenvolvendo neles identidades e promovendo a valorização da diversidade como prática de libertação das amarras sociais excludentes.

A educação popular, defendida por Freire, supõe a tomada de consciência dos sujeitos com relação a sua condição social e econômica, erigindo a participação popular nas práticas de saberes sistematizados. Trazer a educação sob a ótica do oprimido, é trazer para o cenário educacional a luta pelo reconhecimento de populações historicamente invisibilizadas.

Por conseguinte, a isso, pautar as relações étnico-raciais dentro do cenário brasileiro plurirracial e refleti-las no ambiente escolar, vai muito além de cumprir as determinações dos dispositivos legais, mas é fazer valer a diversidade dos sujeitos que compõem o universo escolar e fazê-los reverenciar os seus espaços e suas lutas.

De modo que, caminhar para uma educação libertadora e transformadora onde os sujeitos têm direito a ter direitos é um desafio pujante. Em sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2019) reitera que a opressão é uma realidade presente nas relações entre dominantes e dominados, perpetuada pela cultura do silenciamento e da alienação. A pedagogia tradicional, por sua vez, reforça essa opressão ao impor um modelo de ensino vertical, autoritário e descontextualizado, no qual os alunos são tratados como meros receptores de conhecimento.

Em contrapartida, Freire propõe uma pedagogia dialógica, na qual educadores e educandos se encontram em um processo de aprendizagem mútua, desafiando os estigmas e construindo conhecimento de forma colaborativa. Ele enfatiza a importância da leitura crítica do mundo, na qual os oprimidos se tornam sujeitos de sua própria história, compreendendo as estruturas de opressão e lutando por sua superação.

Dessa forma, a construção do processo educativo parte de experiências e aprendizados que agregam valores, sentidos e significados na relação horizontal entre educandos e educadores. Conforme explicado por Brandão (1981):

*A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da*

*religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, a necessidade da existência de sua ordem (Brandão, 1981, pp. 10-11).*

Uma educação engajada na prática da liberdade está além da transferência de conhecimentos, mas é uma prática educativa capaz de criar possibilidades para a construção da liberdade (Freire, 2018). De acordo com Karen (2011) A pedagogia freireana é a teorização e praticidade desempenhada na prática de Educação Popular. Uma vez que ela considera as ações do conhecimento como meio de superar as relações verticais contraditórias e de modelos mecanicistas e bancários de análise da realidade social de tal como que se verifica a necessidade de implantação de novas propostas que indiquem esperança e a necessidade de mudança.

Na concepção de Freire (1996) a reflexão crítica acerca da prática educativa se constitui a partir da exigência da relação entre teoria e prática no processo de aprendizado que deve ser carregado de criticidade, de modo que assim se constrói o que o autor denomina de “curiosidade epistemológica”, e com a capacidade crítica o educando recusa uma educação uniforme e bancária, pois o “bancário” retirar a oportunidade de um processo educativo criativo tanto para o educando quanto para o educador. Importante ressaltar o que Freire (2019) destaca:

*Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, “aceitam” fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, aliadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua “convivência” com o regime opressor (Freire, 2019, p. 71).*

Assim como Freire (2018), bell hooks (2017) busca desafiar o sistema da educação bancária, por meio de uma pedagogia engajada que possibilite construir com uma comunidade pedagógica. Dentre suas contribuições hooks (2013, p. 26) traz em sua obra a necessidade de desafiar o sistema da “educação bancária”, por intermédio de engajamentos críticos. Pensamos que só será possível romper com a lógica bancária da educação e devolver o seu sentido catártico quando primeiro produzirmos uma revolução no pensamento. Nesse caminho, o diálogo é ponto de partida, pois destaca “a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social” (hooks, 2017, p. 174).

Como explica hooks (2017, p. 10) a educação é um caminho que “aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. O poder da sala de aula libertadora está no processo de aprendizado, isto é, o uso da reflexão crítica e a criação de uma comunidade.

Constrói-se uma comunidade de aprendizagem, quando todos são iguais na medida que estão todos comprometidos com a criação de um contexto de aprendizagem. Nela o entusiasmo é afetado pelo interesse de um pelos outros, o esforço é coletivo e o espaço é comunitário (Carvalho, 2018, p. 51). Aprender a transgredir através da educação refere-se a compreensão de uma pedagogia radical, onde a ideia de liberdade se fortalece e concretiza a partir de uma prática educativa capaz de libertar os educandos de uma educação “engessada” dos aparatos coloniais, preconceituosos e que desvalorizam os saberes população, enfraquecendo a efetiva participação na dimensão política, social e prática de direitos e igualdade.

Aprender a transgredir através da educação, constitui trilhar um caminho onde a prática pedagógica não está interessada somente em capacitar ou ensinar os alunos, mas sobretudo em propiciar um espaço de partilha, de crescimento e aprendizado mútuo. Para Freire (2018) o trabalho desempenhado pelo docente é fundamental para criar ambiente acolhedor em sala de aula, onde o aprender ensinando proporciona uma constante reconstrução de saberes entre educador e educando tornando o fazer educativo uma arte de transformação por meio da ação.

Na obra *“Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido”*, Freire (1992) aponta que a esperança conduz a ação e a consciência para lutar pelo projeto emancipatório dos indivíduos:

*É neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador ou educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas “manhas” indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos (Freire, 1992, p. 55).*

Freire, chama a atenção para o fato das classes populares possuem saberes que não são valorizados, por viverem à margem da exclusão, suas identidades são negadas e seus direitos usurpados, e, seguindo para um caminho diferente que o autor apresenta a importância de uma educação para liberdade, que valorizem e construa redes de aprendizado a partir do povo, tais ações que Maciel (2011, p. 328) afirma ser uma “provocação, uma leitura da realidade na ótica do

oprimido, que ultrapasse as fronteiras das letras e se constitui nas relações históricas e sociais. Nesse sentido, o oprimido deve sair desta condição de opressão a partir da fomentação da consciência de classe oprimida”.

A educação popular em Freire é pautada no diálogo, nas vivências, experiências e saberes horizontais, o conhecimento é construído e reconstruído no ir e vir do que pode considerar como construção de saberes. As teceduras das considerações finais indicam a tamanha relevância de apropriar-se dos saberes freireanos e de novas epistemologias feministas para ressignificar a educação. A proposta de educação para uma prática da liberdade consiste em lutar por uma educação para nós, uma educação emancipadora, que não se limite apenas no contexto escolar, mas que possa estabelecer uma ponte entre educação e sociedade. Os educadores assumem papel primordial na mudança no ensino e suas práticas pedagógicas, trazendo esperança e liberdade.

### **Ensinando e aprendendo a transgredir: a educação na perspectiva de bell hooks**

Ensinar e aprender são processos intrinsecamente ligados à construção do conhecimento e ao desenvolvimento humano. Pensando nessas especificidades, a educadora e intelectual bell hooks (2017) defende a educação como prática de liberdade e transformação da sociedade. Nesse sentido, esse processo vai além da mera transmissão de informações. Na visão da autora, a sala de aula é um ambiente que busca engajar os alunos de forma crítica, encorajando-os a questionar, desafiar, transgredir e romper com as estruturas que sustentam as opressões sociais.

Um dos elementos principais presentes nas obras de bell hooks é a interrelação da teoria e suas experiências pessoais marcadas pela intersecção das categorias de raça, classe e gênero. Em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, a autora reflete sobre como suas vivências no processo de escolarização e expectativas foram importantes para sua formação profissional. Desse modo, no âmbito educacional, a construção do conhecimento teórico pode ser relacionada e dialogada com as experiências individuais e coletivas dos educandos. Tornando a escola e a universidade lugares fundamentais para se pensar a educação sob uma perspectiva de liberdade e existência dos sujeitos.

Para hooks, o fazer educacional como um ato transgressor, parte de uma pedagogia radical, ou seja, percebe a sala de aula como um lugar de entusiasmo, afeto e, sobretudo, um lugar capaz de ultrapassar as fronteiras da dominação, construir uma comunidade pedagógica com uma prática educacional contra-

hegemônico e anticolonial, assim “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (hooks, 2017, p. 25).

Assim, a abordagem educacional pensada nos educandos como protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem, significa não apenas adquirir conhecimento, mas também desenvolver habilidades de pensamento crítico, reflexão e autodescoberta. Esses aspectos conectam a sala de aula à realidade vivida pelos alunos. Sua prática docente foi fortemente influenciada pelas ideias de Freire, conforme explica “quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador” (hooks, 2017, p. 15).

Nesse sentido, a ideia de transgredir para a autora consiste em uma Pedagogia engajada, com a construção de uma comunidade pedagógica, onde a sala de aula pode gerar entusiasmo, isto é, criar um ambiente empolgante para o processo de aprendizado dos alunos. Com incentivo ao diálogo, o respeito mútuo e a valorização das experiências individuais dos alunos, reconhecendo que cada um carrega consigo uma história.

A pedagogia de bell hooks busca desafiar a autoridade de poder presente nas relações educacionais, promovendo uma horizontalidade que estimula a cooperação e a colaboração entre professores e alunos. O entusiasmo pelas ideias de mudança na educação, não é suficiente para propiciar um processo de aprendizado empolgante; é necessário o entusiasmo na comunidade da sala, conforme explica “nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, em ouvir a voz uns dos outros, em reconhecer a presença uns dos outros” (hooks, 2017, p. 17).

Um ponto importante na concepção de hooks, está no entendimento dos desafios que permeiam a escola e a educação, contudo, ela explica que apesar de todas as limitações, a sala de aula, continua sendo um espaço de possibilidades para trabalhar pela liberdade criando estratégias coletivas para cruzar as fronteiras das desigualdades raciais, de gênero e classe. De modo geral, ao explorar a interseção entre a educação, a política e a luta pela libertação, a autora argumenta que a educação não deve ser um processo de simplesmente transmitir informações de maneira passiva, mas sim um espaço de engajamento ativo, crítico e transformador. Na perspectiva de hooks (2017), a educação é uma ferramenta poderosa para a libertação pessoal e coletiva, uma prática que deve capacitar os estudantes a desafiar as normas sociais, questionar o status quo e transformar a si mesmos e suas comunidades.

## Educação como prática da liberdade o encontro de bell hooks e Paulo Freire: diálogos possíveis

*Quando conheci a obra de Paulo Freire, fiquei ansiosa para saber se seu estilo de ensino incorporava as práticas pedagógicas que ele descrevia com tanta eloquência em sua obra. No curto período em que estudei com ele, fui profundamente tocada por sua presença, pelo mundo com que sua maneira de ensinar exemplificava sua teoria pedagógica. [...] Minha experiência com ele devolveu a fé na educação libertadora. Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes. Precisava ter certeza de que os professores não têm de ser tiranos na sala de aula (hooks, 2017, p. 31).*

Uma pedagogia revolucionária consiste em uma práxis anticolonial e contra hegemônica. Reconhecer e conhecer os educandos, suas realidades, ou seja, percebê-los como sujeitos e protagonistas do processo educacional. Neste sentido, as obras de hooks (2006; 2017; 2019) encontram-se de Freire (1992; 2018; 2019) na defesa de uma educação que enxerga os sujeitos dentro de uma realidade sócio histórica no processo de educação libertadora, onde cada sujeito pode existir e compartilhar seus saberes.

A proposta de uma educação como prática da liberdade na visão de Freire e hooks, tomam tanto o ato de ensinar quanto o de aprender, como construções significativas para os sujeitos, ou seja, uma educação reflexiva e ao mesmo tempo ativa; à medida em que o conhecimento é construído, abre-se possibilidades para a transformação e, por conseguinte rompe-se as estruturas de dominação que oprimem. Dessa maneira, ensinar e aprender levando em conta a ética, o afeto e o compromisso sinalizam criar uma prática pedagógica transformadora; onde tais vivências requerem comprometimento, respeito coletivo, um pensamento reflexivo e ao mesmo tempo integrador.

O reconhecimento do outro como humano e não como objeto é primordial para se pensar numa educação antirracista, pautada na valorização da diversidade. A teoria dialógica de Freire defende que o pilar de sustentação da educação é a concepção do respeito. Diante disso, pensar as epistemologias negras numa perspectiva freireana, ou seja, nesse encontro de Freire e hooks, para pensar educação antirracista com base na lei 10.639/03 evidencia como as práticas da diversidade étnico-racial na educação é também um espaço para liberdade e diversidade. Sendo assim a incorporação das relações étnico-racial nos currículos, envolvendo discutir e identificar as interseções que estejam vinculadas ao contexto vivido pelos educandos e que fomentem o desenvolvimento de identidades e a valorização da diversidade.

## Considerações Finais

Como fins de considerações para essa reflexão, partindo da problemática em questão, as obras de bell hooks e Paulo Freire são fundamentais para a compreensão da importância da educação na busca pela liberdade na sociedade contemporânea. Ambos os autores enfatizam a necessidade de uma educação que transcenda a mera transmissão de conhecimentos e promova a conscientização crítica e a transformação social.

bell hooks aponta a importância de uma educação libertadora e transgressora, que desafie as estruturas de poder e estimule a reflexão e o questionamento das normas sociais dominantes. Sua abordagem interseccional considera as interconexões entre raça, classe e gênero, reconhecendo as opressões sistêmicas que permeiam a sociedade, uma vez que, a educação é uma ferramenta poderosa para a emancipação, fornecendo às pessoas as habilidades e o conhecimento necessário para resistir e desafiar a opressão.

Da mesma forma, Paulo Freire defende uma pedagogia libertadora, baseada no diálogo e na conscientização crítica, a educação não deve ser um processo de deposição passiva de conhecimento, mas sim um processo de investigação e participação ativa. A educação para a liberdade enfatiza a importância da leitura do mundo antes da leitura da palavra, encorajando os educadores a compreenderem as realidades sociais e políticas de seus alunos para que possam promover a conscientização e a transformação.

Para tanto, ambos intelectuais nos mostram que a educação é uma ferramenta poderosa para a libertação individual e coletiva. Através de uma educação que estimula o pensamento crítico, a reflexão e o engajamento social, é possível desafiar as estruturas de opressão e construir uma sociedade mais justa e igualitária. Outro ponto importante é que suas obras demonstram que a educação é um caminho fundamental para a liberdade; por meio da ação educativa é possível capacitar indivíduos a se tornarem agentes de mudança, capazes de questionar, resistir e transformar as injustiças presentes em nossa sociedade. A educação libertadora nos permite romper com os limites impostos e nos tornar conscientes de nossos direitos e responsabilidades como cidadãos, possibilitando uma sociedade mais livre, justa e igualitária para todos.

## Declaração de Conflito de Interesse

As autoras declaram não existir conflito de interesses.

## Referências

- ARAÚJO, P. C.A. Jovens negros e negras no contexto educacional: políticas curriculares e a questão da diversidade na escola. In: SANTOS, J. M. C. T.; PAZ, S. R. **Políticas, currículos, aprendizagem e saberes**. Fortaleza: EdUECE, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 20 de jun. 2023.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)>. Acesso em 20 de junho de 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARVALHO, Nális Torres de. **Educação: dialogando com bell hooks sobre a educação brasileira**. 70 f. 2018. Monografia (Graduação em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2018.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez / Brasília: MEC, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvli Libanio. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.
- MELO NETO, José Francisco de. Educação popular em direitos humanos. In: GODOY, R. M. et al. (Orgs). **Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2010. pp. 429-440.
- SOARES, Karina Maria de Souza. **A população negra nos livros didáticos de biologia: uma análise afrocentrada por uma educação antirracista**. 209 f. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2020.

## Autoras

**Jacilene Aguiar Silva**. Atualmente, mestrande em *História Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Especialização em *Metodologia do Ensino de Sociologia e Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA)*. Membro do Grupo de Estudos sobre Pós-Abolição (GEPA) da Universidade Federal de Santa Maria. Desenvolve pesquisas nas áreas de relações étnico-raciais; diversidade e inclusão da população negra no mercado de trabalho, feminismo negro interseccional; gênero e docência na educação básica; racismo; antirracismo e educação.

E-mail: [jacyaguaiars2@gmail.com](mailto:jacyaguaiars2@gmail.com)

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0001-7299-4743>

**Beatriz Santos Pontes.** *Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduação em Educação Especial, Especialização em Educação Especial e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialização em Educação Infantil pela UCB. Professora da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria. Membro do Núcleo de Estudos Afros Brasileiros e Indígenas da UFSM.*

E-mail: [biasp2905@gmail.com](mailto:biasp2905@gmail.com)

ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0001-4386-6889>